

ÁREA DIFÍCIL?

A consolidação da Música como área de pós-graduação e pesquisa é recente no Brasil. Isso parece espantoso, mas é coerente com a atitude da cultura brasileira perante as artes. Esta, sim, é paradoxal. Usamos música neste País para centenas de usos e uma dezena de funções, mas se pretende que não seja importante. Esse grande faz-de-conta, uma forma de controle social, assume aspectos múltiplos. Alguns, brutais, aliaram a repressão às rebeliões de escravos ao banimento de tambores falantes, a paralisação dos candomblés à apreensão policial dos atabaques (até 1975!) e, ainda recentemente, a ditadura política à censura de canções. Controle mais sutil, porém, se exerce nas escolas em que a uma tradição de desescolaridade se contrapõem mecanismos de doutrinação dos próprios músicos próximos a lavagens cerebrais. Nesse paraíso de cartolas (“músicos não falam”, nos ensinam), se vai da omissão irresponsável da música nas escolas comuns, negação de um direito a uma inteligência auditiva, a instituições especializadas, segregadas, engessadas, destinadas a músicos. Nelas, às vezes, com nomes sugestivos de “conservatórios”, “seminários”, “institutos”, “oficinas”, alguns sob disfarce de departamentos universitários, não raro se inculca a certeza de que boa música só a do outro. Inibe-se, portanto, a pesquisa, a produção de conhecimento. Para que pesquisar, se devemos ser sacerdotes de um culto esotérico em que música não seja uma mera sintaxe de sons humanamente organizados, mas uma doação mística de deuses e heróis, com ares metafísicos e alienados? E isso ocorre numa terra pródiga em expressões musicais, mantidas sem registro, que constituem um dos acervos mais ricos e ignorados entre as culturas musicais do mundo.

Na Bahia, na UFBA, vimos desde 1954 nos inteirando da existência de um corpo milenar de conhecimentos musicais e da necessidade de refletirmos sobre ele, quer como arte, quer como ciência, ou até mesmo como mercadoria. Música absorve e reflete, como uma esponja, os aspectos do contexto. A reforma das atitudes e a revisão dos saberes, entretanto, demandam tempo. Será menor para os cearenses, com o apoio que terão. Mas não é tarefa fácil. Sentimos orgulho em participar desse esforço com os ilustres colegas locais do Minter. Orientar talentos como o deste Ceará é um privilégio. Dois anos, apenas, e já aí estão os resultados. Parabéns para todos e fé no futuro.

Manuel Veiga
UFBA

[nota de Hugo: publicado no jornal do Ceará]